



A menina que amava os números

Desde cedo, Sandra Utsumi tinha uma enorme curiosidade pelos temas econômicos, como inflação, juros e câmbio. Hoje, é diretora executiva do Banco Haitong em Portugal

Vicente Nunes/CB/D.A Press



Interesse de Sandra pelos temas de economia começou no ensino médio

» VICENTE NUNES
CORRESPONDENTE

Lisboa — O ano era 1989. A jovem Sandra Utsumi cursava o ensino médio. O diretor da escola na qual ela estudava foi obrigado a substituir um professor que havia passado mal. Na sala de aula, ele decidiu fazer um desafio aos alunos: “Quero ver quem de vocês realmente tem capacidade de passar no vestibular da Universidade de São Paulo (USP)”. O teste consistia em explicar o que se passava na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro naquele momento. O silêncio foi sepulcral. Mas a menina que amava tudo o que se relacionava à economia levantou a mão e disparou a falar. “A Bolsa foi vítima de um especulador, Naji Nahas, que não conseguiu honrar seus compromissos e deu prejuízo a milhares de investidores.” A surpresa foi geral.

Ali, se ainda havia alguma dúvida por parte de Sandra de que seu destino estava atrelado ao estudo da economia, tudo ficou claro. “Tive a certeza sobre meu interesse em relação aos temas econômicos”, conta. Mas ela tinha planos mais ambiciosos: queria trabalhar no mercado financeiro, um reduto extremamente machista. Comunicou isso ao pai, um economista que via a filha como uma futura oceanógrafa. Foi ele, por sinal, quem despertou em Sandra, desde cedo, a curiosidade de saber o que se passava no país e do mundo e porque a economia influenciava tanto a vida das pessoas.

A menina tinha 12 anos e o Brasil estava no auge da hiperinflação. O pai de Sandra lhe deu de presente a assinatura de um jornal, cuja leitura diária se tornou obrigatória. Em vez de fofocas da tevê, dos galãs da vez, de assuntos que despertavam a atenção da garotada, ela mergulhava nas reportagens sobre questões geopolíticas, os preços do petróleo, as cotações do dólar. “O câmbio, para mim, era uma obrigação. Como tudo naquela época era importado, fazia a conversão das moedas para ver quanto custavam os produtos que queria comprar”, lembra. “Poupava o que podia para ter os livros e discos que me despertavam a atenção. Mas nada vinha com facilidade. Meus pais só me davam dinheiro se fizesse algo de útil em troca.”

Aquecimento global

Aos 50 anos, hoje diretora executiva do Haitong Bank, que integra um conglomerado chinês, em Portugal, Sandra lembra que a paixão por temas econômicos tinha muito a ver com o desejo de conhecer o mundo e, claro, de ter sua independência financeira. Assim, antes mesmo de entrar na universidade, pesquisou onde estavam os melhores cursos de economia do país. E todos os rankings apontavam para a Universidade de Campinas (Unicamp) e para a USP. Ficou com a primeira, apesar dos alertas do pai de que a linha daquela instituição talvez não combinasse com o sonho dela

de mergulhar no mercado financeiro. Os primeiros meses de aula mostraram que o pensamento desenvolvimentista da Unicamp não era muito a sua praia. O jeito foi abrir mão do curso.

Como havia feito outro vestibular no mesmo período, para direito, foi ver se tinha alguma chance de se tornar advogada, algo que agradava a família. Também não rolou. De qualquer forma, o curso ocupou parte do seu tempo até que pudesse fazer o vestibular para a USP. “Todo aprendizado faz a diferença. E eu não gostava de ficar parada à espera de algo”, frisa. Meses depois, Sandra não só passou nos testes para uma vaga na sonhada universidade, como, logo no início das aulas, conseguiu um estágio na Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe). Ela foi contratada para participar de um projeto que havia sido pedido pelo Congresso Nacional para uma possível reforma da Previdência Social. “Houve muita discussão sobre o tema, mas nada avançou”, afirma.

A vida de pesquisadora foi se desenrolando por meio de outros projetos, contudo, no terceiro ano de faculdade, a futura economista se sentiu esgotada. Decidiu, então, tirar umas férias um pouco mais prolongadas e foi para o Japão, terra dos pais. “Estava muito absorvida pela vida acadêmica e me afastando daquilo que era meu objetivo, trabalhar no mercado financeiro”, ressalta. Naquele período, a economia mundial passava por fortes turbulências. O México havia quebrado

e tinha explodido a bolha imobiliária japonesa. No Brasil, porém, o clima era outro. O Plano Real, recém-lançado, havia reduzido a inflação no país de mais de 80% ao mês para quase zero. A economia brasileira e a argentina cresciam.

“Fiquei atíçada. Voltei para o Brasil disposta a buscar uma vaga no mercado financeiro”, relembra. Mal ela retornou à universidade, seu orientador na Fipe, professor Denisard Alves, lhe ofereceu um projeto que ela não podia recusar. O Banco Mundial tinha contratado a fundação para medir o impacto do aquecimento global na agricultura brasileira. Tudo sob a coordenação do professor Robert Evenson, da universidade norte-americana de Yale, um dos templos do conhecimento no mundo. Numa segunda etapa da pesquisa, o objetivo era medir como as questões climáticas afetavam as políticas públicas de saúde do Brasil. O melhor: esses estudos estavam na base do projeto sobre aquecimento global que deu o Nobel de Economia ao professor William Nordhaus.

Prêmio Nobel

O sucesso da pesquisa foi tamanho, que Sandra, já formada, recebeu um convite para continuar estudando nos Estados Unidos, mais precisamente em Yale. “Foi uma época deslumbrante”, destaca. “Simplesmente, no período em que passei na universidade fui apresentada a vários vencedores do prêmio Nobel